

OFICINA DE HISTÓRIAS: UM CONVITE A CRIANÇAS COM IMPASSES NO LAÇO SOCIAL

STORYTELLING WORKSHOP: AN INVITATION TO CHILDREN WITH IMPASSES IN SOCIAL BOND

Brenda Sousa SANTOS
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
brendasousa.fono@gmail.com

Maria Francisca LIER-DEVITTO
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
mf.devitto@gmail.com

Lourdes ANDRADE
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
lourdes.andrade071@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, trazemos resultados da realização de oficinas de leitura de histórias no Projeto Entrelaços, desenvolvido no CER II DERDIC/SUS conveniado à PUCSP. A escolha dos textos para essas oficinas envolveu a seleção de narrativas infantis caracterizadas por estrutura paralelística, na qual insiste a repetição com diferença, a variação na invariância. Consideramos que esse tipo de texto poderia ter efeitos positivos na relação das crianças participantes com a linguagem. Trazemos, nesse artigo, o caso Dante para discussão da possibilidade de abertura da criança para a relação com o outro a partir do olhar, do corpo e da fala.

PALAVRAS-CHAVE: impasses no laço social; linguagem; paralelismo; prática entre vários

ABSTRACT: *In this article, we present the results of a storytelling experience conducted within the Entrelaços Project, developed at CER II DERDIC/SUS, in partnership with PUCSP. The selection of texts for these workshops involved selecting children's narratives characterized by a parallelistic structure, which emphasizes repetition with difference, variation within invariance. We believed that this type of text could have positive effects on the participating children's relationship with language. In this article, we use the Dante case to*

discuss the possibility of children opening up to relationships with others through their gaze, body, and speech.

KEYWORDS: *impasses in the social bond; language; parallelism; practice among others*

1. Introdução

Neste artigo, apresentamos resultados da realização de oficinas de leitura de histórias no Projeto Entrelaços, desenvolvido na Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação – DERDIC, que é um Centro de Reabilitação (CER II¹) vinculado ao SUS e conveniado à PUCSP. Este projeto, que articula o PPG em LAEL e o CER II DERDIC/SUS - Centro Especializado em Reabilitação no SUS, está voltado ao atendimento de crianças de 2 a 12 anos com dificuldades no laço social, como aquelas diagnosticadas como autistas, na perspectiva da Prática Entre Vários. Esta perspectiva é uma modalidade institucional de atendimento a crianças autistas e psicóticas, que surgiu em 1974, pelas mãos de Antonio DiCiaccia, sob supervisão de Jacques Lacan, na Bélgica, com a criação da instituição Antenne 110 - um centro para crianças autistas ou psicóticas nos subúrbios de Bruxelas. Trata-se de “uma instituição fundada sobre os elementos oferecidos pela psicanálise, mas sem qualquer prática de tratamento psicanalítico” (Lacadée, 2023:18). Em 1982, o psiquiatra Alexandre Stevens inaugurou a instituição chamada “Le Courtil”, também na Bélgica, e também estruturada na lógica da Prática Entre Vários. Vale dizer que ambas as instituições funcionam predominantemente em regime de internato, cada qual com sua especificidade e organização próprios.

Desde a criação da Prática Entre Vários, quatro eixos foram definidos como fundamentais para sua estruturação. O primeiro eixo é a parceria de cada membro da equipe: cada um vale para cada criança pela possibilidade de fazer-se parceiro dela e não por sua especialidade profissional. “Fazer-se parceiro” significa poder acompanhá-la em suas “invenções” próprias e, assim, favorecer a instituição de relações mais adequadas com o mundo e com o outro. O segundo eixo é a reunião de equipe, cujo objetivo não é que seja apenas um lugar de comunicação de informações ou de coordenação do trabalho, mas um espaço para que se fale das crianças, não para fechar saberes sobre elas, mas para “sustentar um discurso a partir

¹ O CER II é um Centros Especializados em Reabilitação do SUS que presta atendimentos de duas modalidades de reabilitação – na DERDIC, as modalidades atendidas são intelectual e auditiva.

dos ditos dos membros da equipe, oferecendo-lhe a chance de que possa se fazer efeito de um discurso” (Di Ciaccia, 2023:111).

O terceiro eixo é a função do responsável terapêutico, “aquele que se aplica para que tudo funcione em referência a um objetivo preciso” (Di Ciaccia, 2023:112). Note-se que cabe a ele garantir as balizas da direção do atendimento. Esta meta pode ser atingida pela via de uma escuta sensível para considerações da equipe sobre os atendimentos. Em outras palavras, a ideia é suspender a circulação de versões cristalizadas sobre as crianças. Deste modo, procura-se garantir que a singularidade de cada criança seja respeitada e que a equipe, neste enquadre, possa ser sempre interrogada. O quarto eixo, por fim, é o da referência teórico-clínica, que é a psicanálise freudiana segundo os ensinamentos de Lacan e sob a orientação de Jacques-Alain Miller (Di Ciaccia, 2023).

Importa sublinhar que, quando esta modalidade de atendimento está em causa, deve-se considerar singularidades, quer dizer que “existem tantas práticas entre vários, quanto instituições inspiradas nelas” (Halleux, 2023:10), pois “como tal, ela não é possível de ser transposta” (Lacadée, 2023:22), pois a prática está assentada sobre princípios; não é modelo a ser diretamente aplicado. No caso do Projeto Entrelaços, esta prática acontece dentro de um CER, vinculado com a PUC-SP, como dito acima. Não se trata, portanto, de uma instituição que funciona integralmente nos moldes da Prática Entre Vários, mas de uma instituição que acolhe um projeto, este, sim, orientado pela Prática Entre Vários.

Além dessa especificidade, o Projeto Entrelaços alinha-se não somente à psicanálise freud-lacaniana, mas também à Clínica de Linguagem. A Clínica de Linguagem foi inaugurada em 2000, por iniciativa de Maria Francisca Lier-DeVitto no LAEL e na DERDIC/PUCSP, no Projeto Integrado CNPq (nº 522002-96/7), que reuniu um conjunto de fonoaudiólogas com sólida formação em linguística². Nele, dá-se reconhecimento à ordem própria da língua, enunciada por Saussure ([1916]2016), e à hipótese do inconsciente, introduzida por Freud (1900, 1915). Desse duplo compromisso teórico, resultou a Clínica de Linguagem, que, instrumentalizada por um pensamento desta natureza, discute temas como: sintoma na fala, escuta e interpretação, diagnóstico e tratamento de crianças e adultos com alterações na fala.

Importa destacar que, na Prática Entre Vários no Projeto Entrelaços, não se trata de sugerir que os profissionais que integram

² Grupo de Pesquisa CNPq “Aquisição, Patologias e Clínica e Linguagem”.

a equipe³ sejam aí designados como clínicos de linguagem, ou mesmo como psicanalistas, e respondam da posição de sua especialidade. Isto é vetado, uma vez que na Prática Entre Vários se dissolve o lugar do especialista. O que procuramos destacar aqui é que, ainda que as especialidades se dissolvam, é preciso garantir que a escuta e o modo de presença dos profissionais sejam sustentados pela orientação teórico-clínica central, que vem tanto da psicanálise, quanto da Clínica de Linguagem.

Nesta Prática Entre Vários, foram idealizadas oficinas de contação de histórias (PIPEXT-Nº 25300), que levaram em conta a vinculação à Clínica de Linguagem, mais especificamente ao trabalho de Lier-DeVitto ([1998]2024). A autora discute estruturas paralelísticas que emergem na fala da criança em situações monológicas ou dialógicas por volta dos 2 anos e meio, momento importante da trajetória na linguagem, na medida em que representa um tempo de captura da fala criança pelas repetições estruturais da língua materna. Voltaremos a esta questão em momento oportuno.

2. As oficinas de histórias

A montagem das oficinas – realizadas semanalmente entre fevereiro e julho de 2023 – levou em consideração tanto a função mediadora da leitura, quanto os efeitos de captura de estruturas textuais paralelísticas no processo de aquisição de linguagem pela criança. A escolha dos textos foi orientada pela presença de narrativas caracterizadas pela repetição com diferença, nas quais "insiste uma grade estrutural/sentencial móvel"⁴, que liga a sequência de enunciados, como afirma Lier-DeVitto ([1998]2024). Em seu trabalho, a autora analisou "monólogos no berço", e recorreu à função poética de Jakobson (1960) para refletir sobre a presença de manifestações paralelísticas no processo de aquisição da linguagem da criança. Como exemplo de paralelismo, repetição com diferença, deixamos o seguinte segmento de um dos livros selecionados⁵:

³ No caso do Projeto Entrelaços, os participantes são, em sua grande maioria, profissionais da área da saúde, atuantes na rede municipal de saúde. Há, ainda, estagiários do curso de fonoaudiologia da PUC-SP.

⁴ Os livros selecionados foram: 1) *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, de Arden Druce; 2) *A casa sonolenta*, de Audrey Wood; 3) *Muito cansado e bem acordado*, de Susanne Strasser; 4) *Jacaré, não!*, de Antonio Prata; 5) *Bem lá no alto*, de Susanne Strasser; 6) *O sapo sapeca que usava cueca*, de Thaís Falleiros; 7) *O gigante mais elegante da cidade*, de Julia Donaldson; 8) *Chapeuzinho amarelo*, de Chico Buarque e Ziraldo; 9) *Carona na vassoura*, de Julia Donaldson; 10) *Ciranda dos bichos*, de Palavra Cantada e Laurent Cardon; 11) *Romeu e Julieta*, de Ruth Rocha.

⁵ Sobre isso, ver também Santos (2025).

Bruxa, bruxa, por favor, venha à minha festa.
Obrigada, irei sim. Se você convidar o gato.
Gato, gato, por favor, venha à minha festa.
Obrigado, irei sim. Se você convidar o espantalho.
Espantalho, espantalho, por favor, venha à minha festa.
Obrigado, irei sim. Se você convidar a coruja.

("Bruxa, bruxa, venha à minha festa", de Arden Druce)

O paralelismo é aí visto, como dissemos acima, como ponto de captura - tomada do corpo pela linguagem -, em que a repetição estrutural tem função coesiva da sucessão enunciativa, produzindo efeitos cativantes que envolvem a escuta e o corpo. No campo da aquisição da linguagem, esse é um processo universalizado a partir das teorias de aquisição de linguagem que também estão voltadas para uma "criança ideal" (Lier-Devitto, Andrade, 2011). Na ocasião da oferta feita nas oficinas às crianças do Entrelaços, trata-se de considerar que não lidamos com a criança idealizada da aquisição de linguagem em sua perspectiva universalizante, mas sim com os efeitos de escuta e de corpo absolutamente singulares.

No Projeto Entrelaços, com as oficinas de contação de histórias, estruturamos uma atividade que se constituiu como um "convite" às crianças ao contato com textos estruturados paralelisticamente, quer dizer, elas são incitadas a participar da leitura que é feita em voz alta. Com esta proposta, estávamos claramente advertidas, desde o início, de que os efeitos, por certo, seriam muito diferentes daqueles recolhidos pelo campo da aquisição da linguagem. Ao mesmo tempo, consideramos esta uma oportunidade ímpar para pensarmos a relação de crianças que têm impasses no laço social com a linguagem, com o texto e com a fala do outro, uma vez que, para tais crianças, a função da fala encontra-se profundamente comprometida em decorrência da retenção dos objetos pulsionais, o olhar e a voz. Na literatura psicanalítica sobre o assunto, são expressivas menções à evitação da fala do outro e à retenção da própria fala como características centrais do funcionamento de crianças com impasses no laço social (autistas ou psicóticas) (Maleval, 2017; Laurent, 2014; Stevens, 2008).

As atividades de leitura, contação e dramatização de histórias, realizadas no Projeto Entrelaços, favoreceram o estabelecimento de novas possibilidades de relação criança-texto/fala do outro. O texto escrito e/ou lido funcionou como mediador da relação com o outro e com a linguagem, uma vez que, nas oficinas, a fala não foi endereçada diretamente às crianças. Esse "não endereçamento" diz respeito à leitura de textos. Como disse Borges (2006), "ler não é falar". A fala é sempre endereçada, o que não é o caso da leitura, que é invocante e não demanda resposta.

Com base nesta discussão e levando em conta a condição radicalmente singular na relação com a linguagem, propôs-se a oficina voltada para o tratamento de questões centrais para essas crianças: retenção da própria fala e evitação da fala do outro. Para discutir os efeitos das oficinas, realizamos o recorte de um caso, sobre o qual teceremos considerações a seguir.

3. O caso Dante

Dante (nome fictício) é um garoto de 11 anos, cuja fala é muito marcada pela repetição ecológica de fragmentos de falas de outros (pessoas do seu convívio, ou, muito frequentemente, desenhos animados e histórias infantis). Além disso, também é marca de sua presença o ato de jogar/arremessar objetos, geralmente para trás de si. No decorrer do tempo, esta questão pôde ser interpretada como retirada do objeto do campo visual, dada a pregnância excessiva do olhar para este menino. De modo geral, em tempos anteriores do atendimento, foi possível alocar a retenção dos objetos pulsionais voz e olhar como características fundamentais da relação de Dante com o entorno, sendo a questão do olhar um aspecto que sempre chamou a atenção da equipe. Frequentemente, ele cobria os olhos colocando caixas de papelão sobre a cabeça ou usava outros objetos para cobrir os seus olhos e os de outras pessoas. Retirava abruptamente os óculos dos rostos das profissionais arremessando-os para trás de si - note-se que ele retirava somente os óculos, nunca outros acessórios.

Quando da implementação das oficinas de contação de histórias, decidiu-se incluí-lo. Nos primeiros encontros, Dante chegava ao espaço da contação muito agitado, pegando os objetos e fantoches e jogando-os para trás ou colocando-os na boca. Apesar dessa forma de se fazer presente, ele sempre se envolvia de algum modo com a atividade, seja verbalizando, seja encenando trechos da história, pegando o livro e folheando suas páginas, manuseando os fantoches ou desenhando nos papéis disponíveis.

Muitas vezes, ele se deitava no colo das contadoras, e encenava momentos da história com seu corpo. Por exemplo, durante a leitura do livro "A Casa Sonolenta", quando se lia: "uma casa onde todos viviam dormindo", ele se deitava, colocava uma almofada sob a cabeça e fazia som de ronco. Em outra ocasião, durante leitura desta mesma história, Dante apresentou-se como "contador" ao deslocar um personagem de "A casa sonolenta" - a avó - e um elemento do contexto - a cama -, produzindo um deslizamento textual ao introduzir uma outra narrativa com "Era uma vez...", acompanhada de fragmentos da história Chapeuzinho Vermelho.

Ao longo do processo, Dante seguiu surpreendendo. Em outro encontro, ele entrou no espaço da leitura, pegou as pelúcias de personagens e, olhando para eles, disse: “oi pessoal!”. Em seguida, sentou-se ao lado das contadoras, escutou toda a história, que foi lida duas vezes, em alguns momentos tirando a roupa dos bonecos e os arremessando, mas voltando rapidamente sua atenção para a história. Gostaríamos de assinalar que momentos de dispersão, como esse, eram logo superados pelo retorno à atividade de contação de histórias. Ao final da leitura acima mencionada, Dante abriu um rolo de papel craft que estava sendo utilizado pelas contadoras para dramatizar a vassoura da bruxa. Pegou os personagens de fantoches, sentou-se em cima do papel e escreveu “fim”. Vale observar que a história termina com todos os personagens indo embora em cima da vassoura. Ao que nos parece, Dante introduziu seu corpo na relação com os personagens, produzindo uma vivência da cena.

Estes foram apenas alguns recortes dos efeitos que pudemos recolher das oficinas no corpo e na fala desta criança. Na semana que se seguiu ao último dia de realização destas oficinas - já que outras seriam iniciadas (dança e música) - ao chamá-lo para o atendimento, a profissional disse: “Hoje nós vamos...” e, antes que ela concluísse, ele disse: “ouvir histórias!”. Não há dúvida, como se vê, que o menino foi afetado pela vivência da oficina de contação de histórias.

Dante, que havia podido organizar-se neste espaço, entrou em um momento de desorganização intensa no grupo com outras crianças, voltando a arremessar quaisquer objetos. As demandas no grupo de atendimento pareciam ser excessivas para ele naquele momento. Ele passou, então, a ser atendido em outro espaço, com uma dupla de profissionais, buscando garantir a circulação do laço característica da Prática Entre Vários, ainda que não estivesse com o grupo maior de crianças. Passados alguns meses, seguimos recolhendo efeitos da oficina de histórias em seus novos atendimentos, inclusive no que diz respeito a novas possibilidades de intervenções clínicas envolvendo a cessão do olhar e da fala. A introdução de livros com estruturas paralelísticas também na situação de atendimento individual produziu efeitos organizadores para Dante. Ele parou de deambular pela sala, passando a circular ao redor de onde estavam as leitoras, pode sentar-se ao lado ou de costas para quem lia ou observar de longe. Ele repetia fragmentos e, no decorrer dos atendimentos, passou a aceitar a entrada de novos elementos externos às estruturas paralelísticas do texto original.

Foi possível notar maior abertura de Dante no que diz respeito a ceder a voz, mas também o olhar, quando alguém propunha algo novo, porém dentro da estrutura do texto lido, ou quando ele mesmo propunha algo novo e esperava que as pessoas repetissem dirigindo-

lhes o olhar. Pela via do texto, relações muito singulares foram estabelecidas entre ele e as profissionais.

O livro "A ciranda dos bichos", cuja história reproduz uma música do grupo "Palavra cantada" e inclui uma sequência de animais, parece ter sido "o escolhido" que favoreceu maior abertura dele ao outro e à linguagem. Em um dos atendimentos, uma das profissionais começou a inserir outros elementos na sequência paralelística que constitui este livro-música. Dante, de início, escutou e repetiu algumas das propostas dela. Porém, em seguida, espontaneamente inseriu novas palavras - e elas não foram quaisquer. Seguiu-se o canto entre eles da seguinte maneira:

Segmento 1. Dante e B. retomam o canto já realizado em outros atendimentos a partir do livro "Ciranda dos Bichos".

- D. A dança do Mickey Mouse
Quero ver quem sabe dançar
- B. A dança do Mickey Mouse
Quero ver quem sabe dançar
- D. A dança do pé (*pega pé de uma boneca*)
Quero ver quem sabe dançar
- B. A dança do olho
Quero ver quem sabe dançar
- D. A dança da boca
Quero ver quem sabe dançar

Chamou nossa atenção que tenham comparecido no canto compartilhado entre Dante e a profissional B., o olho e a boca - o primeiro evocado por ela e, logo em seguida, por ele, a boca. Dois pontos que, justamente, alocam sua questão de retenção do objeto voz e do objeto olhar. É dentro de uma estrutura paralelística, em que a repetição estrutural garante a moldura, que Dante pode localizar sua questão, recebendo e oferecendo seu canto à profissional para que o acompanhasse. Neste momento, também permitiu que toques fossem feitos próximos aos seus olhos e sua boca, e sustentou olhar para a profissional que cantava com ele, por vezes sorrindo. Também seu corpo foi mobilizado por essa fala/canto em uma estrutura dada previamente. Foi mesmo essa repetição estrutural que teve função de convocação e coesão textual, "num fora de sentido". Isto produziu efeitos que envolveram a escuta e o corpo de Dante de uma maneira muito singular: uma produção que, embora e exatamente por ser "num fora de sentido", aplaca a potência invasiva e perturbadora do encontro da criança com o Outro/a linguagem.

Em atendimento posterior, uma profissional retomou esse canto com ele, e a seguinte sequência se produziu:

Segmento 2. Dante e B. estão próximos, ele deitado em uma mesa e a profissional de pé. Dante recupera o canto entoado por B. pouco antes, neste e em outros atendimentos.

- D. A dança do Bob Esponja
Quero ver quem sabe dançar
A dança da mão (*bate na mão da profissional, sorrindo*)
Quero ver quem sabe dançar
A dança do pé (*olha para pé da profissional*)
Quero ver quem sabe dançar
- B. A dança da boca
Quero ver quem sabe dançar
- D. A dança da boca
Quero ver quem sabe dançar
- B. A dança do nariz
Quero ver quem sabe dançar
- D. A dança do nariz (*pega no próprio nariz*)
Quero ver quem sabe dançar
A dança do atchim
Quero ver quem sabe dançar
- B. A dança do atchim
Quero ver quem sabe dançar

Também neste atendimento, logo após este episódio de canto, Dante sentou-se no chão e, em poucos segundos, cantou: "a dança do xixi, quero ver quem sabe dançar...", fazendo xixi na roupa e no chão imediatamente acompanhando sua fala/canto. Este momento surpreendeu, pois em diversos atendimentos anteriores ele vinha fazendo xixi na sala, de maneira inesperada, e sem que qualquer articulação com sua fala ou com a do outro sobre isso fosse possível. De imediato, uma das profissionais canta: "a dança do banheiro, quero ver quem sabe dançar", lhe estende a mão e vão, ambos, cantando até o banheiro. Uma articulação entre corpo e fala/canto aconteceu pela primeira vez, dentro de uma estrutura na qual ele já havia circulado em atendimentos anteriores e, também, no início deste atendimento.

Importa comentar que em cada atendimento em que os livros foram inseridos, alguns bonecos de pelúcia e fantoches foram também disponibilizados para Dante. Um deles transformava-se ora em lobo mau, ora em vovó e ora em Chapeuzinho Vermelho. Em alguns momentos, enquanto manipulava esse mesmo fantoche, ele repetiu trechos da história da Chapeuzinho Vermelho, e manipulou o fantoche muito ligado a uma "exclusão" dos olhos da boneca, cobrindo-os com algum objeto. Quando não os cobria, ficava atento à boneca piscando repetidamente os próprios olhos. Em registros anteriores das oficinas de histórias, pode-se perceber que Dante fazia o mesmo com os olhos de outros personagens. Esta sua outra possibilidade de lidar com o

olhar parece ter reduzido a ocorrência de arremessos de objetos para trás de si fora de seu campo de visão.

A apresentação, relativamente detalhada, dos episódios anteriores, teve a finalidade de ilustrar alguns dos efeitos diversos e singulares do encontro com a contação de histórias e textos escritos/lidos sobre uma das crianças participantes. Foi possível recolher, com Dante, cruzamentos de diferentes textos ao longo do período da oficina, assim como a chance de cessão da voz, quando repetiu fragmentos do texto lido, e do envolvimento do corpo, quando utilizou gestos referíveis ao texto.

4. Sobre o paralelismo e sua função de captura

Uma vez apresentados os efeitos sobre Dante das oficinas de contação de histórias, e de sua participação propriamente verbal nas sequências paralelísticas, que, esperamos, tenham também iluminado a problemática da voz e do olhar no caso deste menino, consideramos importante dar alguma extensão ao aspecto linguístico implicado nestas oficinas.

Jakobson retoma, em 1960, uma discussão sobre as funções da linguagem, bastante tratada no campo dos estudos linguísticos. De especial valor em seu trabalho é a determinação das funções pela estrutura, cada uma delas veiculada por uma em especial. Basta lembrar que este texto tem início com a afirmação do autor de que tanto a linguística quanto a poética ocupam-se da estrutura da linguagem. É neste trabalho que Jakobson produzirá a distinção entre prosa e poesia, chamando, para isso, os processos metafórico e metonímico que ressignificam os eixos sintagmático e associativo de Saussure ([1916]2016). Ressignificados, sem dúvida, porque eles passam a ser entendidos como “leis de composição interna da linguagem” (Milner, 1989). Jakobson dá mobilidade aos eixos dizendo que, quando há predomínio da metonímia, predomínio do eixo combinatório, temos a prosa. Quando há predomínio do eixo metafórico, que se projeta sobre o metonímico, contendo a progressão temporal, ficamos frente à poesia. Nesta projeção, a metonímia se desenvolve via retroação, promovendo a reiteração estrutural. Há, portanto, suspensão da comunicação e predomínio de equivalências gerais: métrica, sonora e rítmica.

Falar em função poética, no entanto, não significa que nos deva-se remeter somente a poemas e poesias. Jakobson afirma que “qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora” (Jakobson, [1960]2003:124), uma vez que ela funciona como “constituente acessório, subsidiário” (Jakobson,

[1960]2003:124), em todas as outras atividades verbais, inclusive na fala. O linguista destaca, neste rol de outras atividades, slogans políticos, como por exemplo "I like Ike" (ai laic aic, "eu gosto de Ike"), em que o arranjo de palavras carrega sonoridade marcante; além de jingles de propaganda, e tradições orais finlandesas e russas, nas quais a sonoridade da combinação de palavras é característica fundamental.

A afirmação de Jakobson de que a função poética "deve ultrapassar os limites da poesia" (JAKOBSON [1960]2003, p. 125) foi escutada por Lier-DeVitto ([1998]2024), que pode reconhecer a presença e proliferação de estruturas paralelísticas na fala da criança no berço, e afirmar o papel coesivo do paralelismo nas sequências monológicas em que, contudo, a coerência se perde. Frente a isso, a autora aponta para a função de captura da fala da criança pela estrutura de sua língua materna. De Lemos (2006) vê o paralelismo acontecer no diálogo entre mãe e criança e atribui a eles a mesma função. Resumidamente, a função poética, nas estruturas paralelísticas, garante posição para a criança falante. Porque há repetição estrutural é que pode haver variação posicional. A estrutura paralelística consiste "em uma combinação de invariantes e variáveis" (JAKOBSON, 1985, p. 5, tradução livre): mantém-se a estrutura e variam os elementos que a constituem, sempre considerando que há equivalência sonora projetada sobre a sequência enquanto princípio constitutivo desta estrutura (Jakobson, [1960]2003). Nota-se, nessas situações, a clara primazia do significante sobre o significado.

Lier-DeVitto afirma que, quando nos aproximamos da fala da criança, principalmente dos monólogos de berço por ela analisados, "há algo mais além/aquém (...), um funcionamento que a captura (De Lemos, 1994) e que captura o que diz em redes de relações" (De Lemos, 1994:138). Com esse passo, o paralelismo ganha, no trabalho desta autora, o lugar de recurso explicativo de um tempo da relação da criança com a linguagem. Para explicar melhor sua hipótese, a autora recorre a transcrições de gravações de monólogos de crianças no berço, sendo elas Anthony, retirada do trabalho de Weir (1962), e Camila, criança brasileira cuja fala foi registrada pela própria autora. Abaixo, recortamos alguns trechos desses monólogos e, na sequência, a discussão da autora.

1. What color TV
2. What color *horse*
3. then, what color *table*
4. then what color *fire*
5. with all the woods
6. here's the yellow spoon Anthony
7. take the

8. take the *book*
9. *what* book
10. *what* book
11. *take the* book
12. *what color* book

- Trecho de monólogos de Anthony no berço (Weir, 1962).

-(Ritmado).....
1. Num fala no teu nome
 2. Num fala no meu nome
 3. Num fala midanoni (2 vezes)
 4. fala mi anomi
 5. fa'a mi danomi
 6. Num fala no meu nome
 7. Não fala no ...
 8. no_me (2 vezes)
 9. O Ráfa num ...
 10. h'ala no meu nome
-(inspira/expira com força).....
11. É da tia!

- Trecho de monólogos de Camila no berço (Lier-Devitto, [1998]2024).

Nestes monólogos transcritos em estruturas paralelísticas, Lier-Devitto ([1998]2024) destaca "a insistência de um elemento fixado (...) que convoca elementos díspares" (Lier-Devitto, [1998]2024:140), como "tv, "horse", "table" e "fire" nos monólogos de Anthony, que vão marcando "repetições com diferença" (Lier-Devitto, [1998]2024:140), Além da questão posicional, ela afirma que não são quaisquer os elementos que aparecem nas substituições: "a criança, o que diz e o mundo vão sendo colocados em redes de memória e de sentido (Orlandi, 1994)" (Lier-Devitto, [1998]2024:140). Com isso, ela recupera que fragmentos de diálogos escutados pela criança retornam metonimicamente em sua voz. Na fala da criança, portanto, podem aparecer fragmentos cristalizados escutados por ela em outros momentos, ou seja, retirados de outros textos. São "citações maciças [que] deslizam na voz da criança e a capturam (...)" (Lier-Devitto, [1998]2024:141). Sobre o paralelismo na fala da criança, De Lemos (2006), afirma ainda, que

"aproxima-se em muitos aspectos do paralelismo na poesia. Nele podemos mostrar uma suspensão da comunicação, em que tanto o outro como o falante estão deslocados, assim como uma redução de referencialidade e até mesmo de sentido" (De Lemos, 2006:106).

Remetemos, neste ponto, o leitor aos segmentos acima apresentados na fala de Dante, em que há repetição estrutural, e sua

notável contribuição pessoal nas substituições viabilizadas neste jogo. Como diz Jakobson (1985), há um jogo de variação na invariância. Pode-se pensar que, na oferta de textos com estruturas paralelísticas nas oficinas de histórias, o fato de haver elementos fixos na estrutura e espaços em que substituições operam, garantem alguma previsibilidade, o que parece favorecer uma relação menos defensiva dessa criança com a linguagem.

Por esse motivo, Dante pode trazer em sua fala elementos da fala do outro, produzidos e recolhidos numa determinada estrutura, e inserir suas próprias palavras, trazidas de outros textos, e até seu próprio corpo, como na cena do xixi. Dante, essa criança para quem a presença da linguagem e do outro pode ser tão perturbadora, pode apresentar-se como “um sujeito atravessado por pedaços de discursos do outro” (Lier-Devitto, [1998]2024:153), não mais apenas em blocos de produções cristalizadas.

5. Considerações finais

A entrada da função poética com o paralelismo foi ponto fundamental para pensar uma oferta de relação com o texto, com a fala e com o corpo do outro de maneira distinta no atendimento a crianças com impasses no laço social. Foi mesmo este espaço de contenção e de sustentação de um mesmo lugar, que consideramos ter servido de moldura para a fala de Dante. Este é um ponto que vem sendo investigado no Projeto Entrelaços: poderiam as estruturas paralelísticas exercer a função de “borda”, conforme definida por Éric Laurent (2014)?

Nossa observação foi de que os textos paralelísticos característicos das histórias selecionadas para as oficinas oferecem uma “moldura/borda” que pode propiciar às participantes da oficina - não somente a Dante - a abertura de lugar para sua entrada em uma estrutura que é regida por pouca variação, o que parece ser solo mais propício ao exercício da singularidade de sua circulação na linguagem. Pensando por este caminho, o paralelismo suspende a exigência de comunicação e sustentação de sentido, como afirmou Jakobson (1960), ponto de impossível para essas crianças.

Além disso, durante a execução das oficinas de histórias, decisões foram tomadas no sentido de oferecer encontros que permitissem a circulação das crianças e que as mobilizassem, cada uma à sua maneira, assim como foi descrito em relação a Dante. Podemos notar que: a leitura das histórias com rebaixamento de endereçamento; a alternância de profissionais na leitura; a criação de vozes para os personagens e a introdução de musicalidade ao texto foram fatores que produziram efeitos de aproximação das crianças

SANTOS, Brenda Sousa; LIER-DEVITTO, Maria Francisca; ANDRADE, Lourdes. Oficina de histórias: um convite a crianças com impasses no laço social. *Revista Intercâmbio*, v.LVII, e73243, 2025. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

entre si e com as contadoras, seja por falas, encenações corporais ou danças. Frequentemente, a afetação de uma criança convocou também as outras e os efeitos proliferaram dentro desta Prática Entre Vários. Procuramos, neste artigo, apontar para efeitos organizadores de estruturas linguísticas paralelísticas sobre a criança, sua fala e seu corpo.

Referências bibliográficas

BORGES, Sônia. O quebra-cabeça: a alfabetização depois de Lacan. Goiânia: Ed. da UCG, 2006.

DE LEMOS, C.T.G. Sobre o Paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos. In: Lier-DeVitto, M.F.; Arantes, L. *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*, São Paulo-EDUC, pp. 97-108, 2006.

DI CIACCIA, A. A prática entre vários. In S. Altoé & M. Lima (Orgs.), *Psicanálise, clínica e instituição*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, pp. 34-5, 2005.

DI CIACCIA, A. A propósito da Prática Entre Vários. In: Org. *ANTENNE 110, Dizer sim à criança autista*. Coleção Pipa Traduz, pp. 109-117, 2023.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1972.

FREUD, S. O inconsciente (1915). In FREUD, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago Ed., vol. II. pp. 13-74, 2006.

HALLEUX, B. Prefácio à tradução para o português do livro "Quelque chose à droite à l'enfant autiste. In: Org. *ANTENNE 110 Dizer sim à criança autista*. Coleção Pipa Traduz, pp. 9-10, 2023.

JAKOBSON, R. Linguística e Poética. In: JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.

JAKOBSON, R. My favorite topics. In: JAKOBSON, R. *Verbal art, verbal sign, verbal time*. University of Minnesota Press, pp.3-7, 1985.

SANTOS, Brenda Sousa; LIER-DEVITTO, Maria Francisca; ANDRADE, Lourdes. Oficina de histórias: um convite a crianças com impasses no laço social. *Revista Intercâmbio*, v.LVII, e73243, 2025. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

LACADÉE, P. Mas, enfim, há certamente alguma coisa a lhes dizer. In: Org. *ANTENNE 110, Dizer sim à criança autista*. Coleção Pipa Traduz, pp. 17-26, 2023.

LAURENT, É. (2014). *A batalha do autismo*. Rio de Janeiro: Zahar.

LIER-DEVITTO, M.F. (1998). *Os monólogos da criança - Delírios da língua*. EDUC, São Paulo. 2024.

LIER-DEVITTO, M.F.; ANDRADE, L. A abordagem do erro na fala e na escrita: aquisição, alfabetização e clínica. In: XIII SILEL - Simpósio Nacional de Letras e Linguística e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2011, Uberlândia. *ANAIIS DO SILEL*. Uberlândia - MG: EDUFU. v. 2. pp. 1-13, 2011.

MALEVAL, J.C. *O autista e a sua voz*. Trad. Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2017.

MILNER, J.C. *Introduction à une science du langage*. Paris, Seuil, 1989.

SANTOS, B.S. *Prática Entre Vários e Clínica de Linguagem: o caso Dante*. Tese [Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem] - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

SAUSSURE, F. (1916). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix. 1969.

STEVENS, A. Aux limites du lien social, les autismes. *Les Feuiliets du Courtil*, v. 29, pp. 9-28. 2008.

WEIR, R. *Language in the crib*. The Hague, Mouton & Co. 1962.

Recebido: 09/08/2025
Aprovado: 05/11/2025



Esta obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada